



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE PSICOLOGIA

**NA TRAJETÓRIA DE HUBERT: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A
PARTIR DO DESEJO DO OUTRO**

Geni Inês Antoniazzi

Lajeado, junho de 2017

Geni Inês Antoniazzi

**NA TRAJETÓRIA DE HUBERT: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A
PARTIR DO DESEJO DO OUTRO**

Artigo apresentado à disciplina de Trabalho de
Conclusão de Curso II, como exigência parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Psicologia pelo Centro Universitário Univates.

Orientadora: Profa. Ma. Bernardete Pretto

Lajeado, junho de 2017

AGRADECIMENTOS

O meu mais sincero e profundo agradecimento ao início de tudo, meus pais. Agradeço por poder revisitar o meu passado com tanto amor, construído desde o dia em que foi concebida a minha existência. E por me autorizarem seguir...

Ao meu grande amor, Paulo, pela forte presença em minha vida, desde nosso encontro na adolescência, acompanhando com amor cada passo dado na caminhada que me possibilita ser e estar nesse mundo.

Aos meus três filhos, Ramon, Gabriela e Samanta, por me fundarem como mãe, e serem fonte inesgotável de amor e conhecimento. Aos meus queridos genros Rafael e Iuri, que foram acolhidos e nos acolheram como família. À mais nova herdeira do amor de nossa família, minha neta Cecília.

À minha querida mestre Samanta, pelo incansável acolhimento de minhas aflições como aluna, colaborando com várias indicações de materiais para execução deste trabalho.

Às minhas amadas amigas e colegas de formação Dirce, Karla e Tamara, parceiras que levarei para sempre em minha vida e em meu coração. À Tamara, um agradecimento especial pela generosa e eficiente ajuda na correção e estética deste trabalho.

Às queridas colegas e amigas de estágio Ana, Brenda e Laura, parceiras de aflições mas também de muitas conquistas.

Às professoras Ana Lúcia Bender Pereira e Priscila Pavan Detoni, pela transmissão generosa e ética de seus conhecimentos.

À professora orientadora Bernardete Pretto, pela forte e inspiradora influência teórica, fonte de motivação para o meu trabalho.

“Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu.”

(Johann Goethe)

NA TRAJETÓRIA DE HUBERT: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DO DESEJO DO OUTRO¹

Geni Inês Antoniazzi²

Bernardete Pretto³

Resumo: O sujeito da Psicanálise é o sujeito do desejo. Diante disso, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre como se dá a constituição desse sujeito, que parte do desejo do outro, mas que, em seu processo de constituição subjetiva, necessita tomar posse de sua herança (compreendida como aquilo que foi o desejo dos pais, projetado no filho) para tornar-se sujeito de seu desejo. Para tanto, é feita uma análise do filme “Eu Matei Minha Mãe”, a partir dos conceitos freudianos de narcisismo, castração e complexo de Édipo. A passagem pela adolescência, período em que se encontra o personagem principal (Hubert), é entendida como uma época de turbulências e rupturas, mas também como um período em que ocorre uma possível elaboração das marcas da primeira infância, que, em um novo arranjo, possibilita ao sujeito, ao tomar posse de si, apropriar-se de sua herança.

Palavras-chave: Narcisismo. Castração. Sujeito. Adolescência. Psicanálise.

IN HUBERT'S TRAJECTORY: THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT FROM THE DESIRE OF THE OTHER

Abstract: The subject of psychoanalysis is the subject of desire. The present work proposes a reflection on how the constitution of this subject, which starts from the desire of the other, but which, in its process of subjective constitution, needs to take possession of its inheritance (understood as that which was the desire of the Parents, projected on the son) to become the subject of his desire. To do so, an analysis of the film "I Killed My Mother" is made, based on the Freudian concepts of narcissism, castration and Oedipus complex. The passage through adolescence, the period in which the main character (Hubert) is found, is understood as a time of turbulence and rupture, but also as a period in which a possible elaboration of early childhood marks occurs, which, in a new arrangement. Allows the subject, when taking possession of himself, to appropriate his inheritance.

Keywords: Narcissism. Castration. Subject. Adolescence. Psychoanalysis.

¹ Artigo Acadêmico produzido na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIVATES.

² Geni Inês Antoniazzi. Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário UNIVATES. geni.antoniazzi@yahoo.com.br

³ Bernardete Pretto. Psicóloga, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela UFRGS. Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIVATES. Lajeado/RS. bernardete.pretto@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

As questões que norteiam o presente estudo têm por objetivo pensar sobre como se dá a constituição do sujeito para a Psicanálise, entendendo que, se a subjetivação do bebê está atrelada ao desejo dos pais mesmo antes de seu nascimento, é imprescindível percorrer este caminho que é dado a todos, desde seus primórdios, para abordar tal questão. Para a Psicanálise, nos tornamos sujeitos a partir do olhar do outro. Compreende-se, então, que somos todos herdeiros do desejo de nossos pais. Sendo assim, torna-se relevante pensar em como podemos nos apropriar de nossa herança, sem sermos tomados por ela. Nas palavras de Goethe (apud FREUD, 1913, p. 160), no texto Totem e Tabu: “aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”.

Para tanto, toma-se aqui importantes conceitos psicanalíticos, juntamente com recortes do filme “Eu Matei Minha Mãe” (2009), para poder pensar, a partir da história do personagem central, como se dá essa trajetória, não com a intenção de se chegar a uma verdade, mas de levantar discussões a respeito de um possível entendimento desse processo fundante do sujeito.

A motivação deste trabalho se dá a partir da necessidade de compreender como ocorre esse processo de constituição psíquica, visto que é a ferramenta de trabalho com a qual se deparam, por meio da escuta clínica, psicólogos e psicanalistas. Dessa forma, entende-se a relevância de estudar o narcisismo primário, que é a passagem do Eu Ideal ao Ideal de Eu, pressupondo que esse tempo de primeiras inscrições no bebê vai dizer muito de quem o sujeito será mais tarde. Daí a importância do sujeito e dos psicólogos revisitarem esse tempo.

Na busca por esse entendimento, toma-se o filme “Eu Matei Minha Mãe”, do diretor Xavier Dolan, como objeto de análise, por evidenciar, na trajetória do personagem principal (Hubert), aspectos do percurso acima citado. O filme disserta sobre a relação conturbada de mãe e filho quando este atravessa a adolescência – momento em que se dá a reedição do Complexo de Édipo. Com 17 anos de idade, Hubert diz não amar sua mãe, implicando com seu modo de ser, criticando-a nos mínimos detalhes quanto a tudo que faz, seja a forma como se veste, come ou se porta. Nesse período, ele é tomado por uma turbulenta relação de amor e ódio, verdadeiro caos no qual ambos estão inseridos e não conseguem vislumbrar nenhuma saída satisfatória. Durante toda trama (drama), mãe e filho trocam acusações, como: “acha que os seus amigos falam desse jeito com sua mãe?”, “acha que as mães educaram os filhos como você?”. É nesse cenário que o jovem vivencia suas experiências típicas e marginais da adolescência, cheia de descobertas quanto ao mundo das artes, amizades, drogas e sexo.

Na busca por formular hipóteses sobre os aspectos que compõem a relação de Hubert

com sua mãe, na perspectiva da Psicanálise, utiliza-se o conceito de narcisismo de Freud (1914), entendendo ser o texto “Para uma introdução ao narcisismo” um dos pilares no que diz respeito ao entendimento da constituição do sujeito e da passagem do Eu Ideal ao Ideal do Eu. De acordo com Freud (1914), o narcisismo primário, caracterizado pelo período no qual a criança está voltada para si mesma, para sua satisfação, é algo que se dá em todos os seres humanos, e é introduzido à criança através dos desejos dos pais. Da mesma forma, buscou-se outros autores contemporâneos, que aprofundaram os conceitos freudianos, para pensar a influência desse tempo narcísico na travessia de um lugar infantil para um lugar adulto.

Destaca-se o trabalho de Leclair (1975) “Mata-se uma criança” como um importante aporte teórico para trabalhar com o tema da herança, que convoca a pensar sobre a possibilidade e a impossibilidade de se tornar sujeito e a relação que se estabelece entre os desejos que erigimos e os desejos dos pais, ressaltando o quanto o narcisismo primário pode ser determinante em nossas vidas. Nesse sentido, Lacan (1949) traz importante contribuição com a metáfora do Estádio do Espelho, afirmando a importância do olhar do outro na constituição do sujeito, já que é através desse olhar que a criança é inserida na linguagem e se torna sujeito.

A estrutura deste trabalho está organizada por meio de capítulos que visam a trazer à tona, a partir de uma revisão teórica, importantes conceitos da Psicanálise, a começar pela teoria freudiana, seguida de outros autores contemporâneos que vêm contribuindo para o entendimento de como se constitui o sujeito psicanalítico. Em etapa seguinte, os recortes selecionados a partir da apreciação do filme “Eu matei minha mãe” servem para que, com a contribuição da arte, seja possível visualizar prováveis manifestações de como ocorrem esses processos fundantes na vida do sujeito.

2 A PARTIR DO FIM, O (RE)COMEÇO

É a partir do fim que o personagem Hubert (do filme “Eu Matei Minha Mãe”) (re)começa a sua trajetória como sujeito. Essa é a leitura que se propõe para iniciar esta escrita, a qual será apresentada através de recortes de diálogos do filme e sua análise posterior.

A primeira cena que se destaca, refere-se à cena final, na qual pode-se identificar o momento em que ocorre o surgimento da mãe de Hubert como sujeito. A apropriação de sua história, em meio ao caos em que sua vida se encontra, ocupa um lugar relevante nessa trama cinematográfica. Um surto, um grito, um nascimento, marcado nessa cena que começa com a conversa telefônica da mãe de Hubert com o diretor do internato em que o adolescente fora

por ela encaminhado. No diálogo entre mãe e diretor, o mesmo comunica a fuga de Hubert e questiona a educação que a mãe havia dado ao filho, de forma a indicá-la como culpada da postura que o menino adotara.

Diretor: *Procuramos por toda parte, ele deixou uma carta para a senhora no quarto dele. Como pensamos que ele poderia estar em perigo... nós a lemos.*

Mãe: *O que ele escreveu?*

Diretor: *“Estarei no meu reino se quiser falar comigo”. Sabe onde fica o reino dele?*

Mãe: *Sim, é em Montmagny. Vou desligar agora.*

Diretor: *Se me permite, senhora Lemming, pelo que observei, parece que seu filho... Sei que cria o seu filho sozinha. Não acha que ele ficaria melhor com uma presença masculina? Um toque de autoridade poderia ser benéfico. (silêncio). A senhora concorda?*

Mãe: *Já chega seu tipo arrogante. Quem diabos pensa que é? Você ensina as mães como criar os filhos? Cresci com uma mãe doente que passou metade da vida no hospital. Casei com um covarde que me deixou, porque não aguentou ser pai. Há quinze anos acordo às 5h30 min para trabalhar, pego um maldito tráfego para que meu filho possa comer e estudar.*

Diretor: *Senhora Lemming?*

Mãe: *Cala a boca! Vão para o inferno seus machistas! Sempre rápidos em nos julgar, enquanto desfilam com suas gravatas do Pernalonga! Lavando as cuecas vermelhas com as brancas! Gosta de meias cor de rosa, seu filho da mãe? Não me venha dizer que meu filho fugiu porque crio meu filho sozinha! Todos vocês tem QI de 150, e vocês, vocês... vangloriam-se a toda hora de seus diplomas... e quando um garoto de dezessete anos fura seu sistema de segurança vocês vêm me falar que sou uma mãe ruim? Perseguindo-me com perguntas e insinuações. Quer me responsabilizar pela sua incompetência? Vai a merda seu imbecil!*

Essa passagem do filme revela a cena anterior ao encontro entre a mãe e Hubert, em que, em um momento de desabafo, ela traz à tona a sua história e questiona os estereótipos sobre uma boa mãe e sobre uma família que supostamente necessitaria de um pai fisicamente presente para que tivesse um final feliz. A sra. Lemming questiona esse estado de coisas. O pai que ela conhece é aquele que não discerne as cuecas vermelhas das brancas, que não consegue enxergar os efeitos de sua displicência. Antes do encontro com o filho, a mãe encontra-se com sua história. História de uma filha que dedicou-se à mãe e que agora dedica-se a ser mãe. Durante todo o filme, essas posições são assumidas sem voz, mas aqui ela reivindica a autoria. É o outro que precisa calar-se, ela tem voz. E é essa voz que a autoriza a encontrar-se com seu filho. Parece que nesse momento a alienação em que estava submersa é

rompida e um sujeito passa a falar. É um início de um encontro.

Cena final

Uma casa no campo. Brinquedos pela casa que denotam ser de outro tempo, parecem remontar à infância de Hubert. A mãe chega e encontra o namorado de Hubert, Antonin, sentado na mesa da sala. O diálogo entre os dois traz uma cena em que mãe e namorado do filho se apresentam, o que não havia ocorrido no filme até então.

Antonin: *Ouvi muitas coisas sobre você.*

Mãe: *Isso me surpreende.*

Antonin: *Vocês viviam aqui quando ele era criança?*

Mãe: *Sim. Mudamos para a cidade depois do divórcio. É do pai dele agora. Onde está Hubert? Nas rochas?*

Antonin: *Sim.*

A mãe sai e vai ao encontro de Hubert. A paisagem é linda – parece que efetivamente somos apresentados a um reino. Chega e senta-se ao seu lado, em cima de uma rocha. Hubert veste um casaco cheio de botões que o fazem parecer (não à toa) um príncipe. Ficam ali parados, de mãos dadas, como se tivessem estabelecido um pedido de trégua, diante de tantos desencontros, que praticamente os impossibilitam de seguir.

Hubert tem em suas mãos uma bonequinha de cerâmica que havia ganho de seu namorado, boneca que, em cena anterior do filme, é descrita como representante da mãe de Hubert. A boneca possui uma lágrima em seu rosto que, na cena das rochas, é removida por Hubert um pouco antes de sua mãe chegar. Essa cena alude a uma necessidade de dar uma trégua ao sofrimento que os embates entre os dois promovia. Com esse gesto, Hubert tenta remover não só o sofrimento da mãe, mas o seu, que está atrelado ao dela.

A volta de Hubert para o local onde viveu até seus sete anos pode ser associada ao processo de análise, no sentido de um retorno ao passado, à sua história. Uma tentativa de se conectar com a instância onde se vê parado, preso, fixado, como se tivesse que partir dali, daquele local que simboliza e talvez justifica o caminho que foi percorrido. O encontro dos dois dá-se justamente em um retorno de cada um à sua história. E a história de Hubert alberga um reino que necessita ser revisitado.

Para a Psicanálise, a constituição do sujeito está atrelada ao desejo dos pais. Hubert retorna ao reino de sua infância em uma tentativa de solucionar o enigma que o atrela e, ao mesmo tempo, o impede, de relacionar-se com sua mãe. Parece que aquilo que o reino alberga ainda não pôde ser transitado o suficiente para ser assumido como seu.

Segundo Freud (1914; 2006), o bebê, no tempo inicial de constituição psíquica, está

ligado diretamente ao desejo dos pais, período denominado de narcisismo primário, caracterizado pelo investimento de toda libido da criança em si mesma. O autor atenta para que se observe: “(...) à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos que reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de a muito abandonaram” (FREUD, 1914; 2006, p. 97).

Para Freud (1914; 2006), nesse período os pais tendem a reivindicar, em nome da criança, a suspensão do funcionamento das aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi obrigado a respeitar, solicitando em nome dela os privilégios que há muito tiveram que renunciar. Segundo o autor, a criança não ficará sujeita às necessidades reconhecidas como absolutas na vida dos pais:

A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – “Sua Majestade o Bebê”, como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança (FREUD, 1914; 2006, p. 98).

Ainda ao se referir ao amor da mãe pelo filho nesse tempo inicial, Freud (1910) postula que:

O amor da mãe pela criança que ela amamenta e cuida é muito mais profundo que o que sente, mais tarde, pela criança em seu período de crescimento. Sua natureza é de uma relação amorosa plenamente satisfatória, que não somente gratifica todos os desejos mentais, mas também todas as necessidades físicas; e se isso representa uma das formas possíveis da felicidade humana, em parte será devido à possibilidade que oferece de satisfazer, sem reprovação, desejos impulsivos há muito reprimidos (...) (FREUD, 1910, p. 123).

De acordo com Antoniazzi e Flores (2014), a partir do conceito de narcisismo primário, Freud vai nos falar de como se dá a constituição do aparelho psíquico nesse primeiro tempo, apontando para a relação que ocorre entre “Eu Ideal”, resultante do narcisismo primário, e o “Ideal de Eu”, estabelecido pelo atravessamento da castração.

Ao propor que o primeiro tempo narcísico do bebê se dá através do desejo de seus pais, Freud assinala a importância do outro nesse primeiro tempo de constituição psíquica, o Eu Ideal. Essa constatação é colocada juntamente com a questão que Freud está articulando no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de que uma “unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido” (FREUD, 1914, p. 84). O bebê, que até então estava envolto/envolvido em suas pulsões parciais – que Freud pontua como um tempo de autoerotismo, precisa sofrer “uma nova ação psíquica”, para que se possa pensar em um futuro investimento no outro. O que o autor está sinalizando é que, entre

o autoerotismo e o investimento objetual, há algo que precisa se efetivar, o narcisismo.

Lacan (1949) formula esse tempo de constituição psíquica com a metáfora do Estádio do Espelho, destacando a importância do olhar do outro, já que é a partir desse olhar que a criança é inserida na linguagem e se torna sujeito. Para o autor:

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* (LACAN, 1998, p. 97).

De acordo com Lacan (1998), nesse período o bebê se depara com sua imagem especular, que será o “tronco” das identificações secundárias, apontando que:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o (eu) se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (LACAN, 1998, p. 97).

De acordo com Goldstein (2000), o olhar da mãe pode ser entendido como espelho. Salientando que:

Essa relação imaginária é uma relação narcisista. O olhar da mãe, paralelamente, poderia ser considerado como espelho. A mãe “vê” o infante como alguém constituído e é no interior dessa relação que transita o processo identificatório. Se recorrermos ao olhar da mãe, como correlato dos fenômenos que se desenvolvem na superfície reflexiva do espelho, é porque este olhar, com conotação libidinal, é olhar de desejo. Embora nessas descrições predomine a dimensão imaginária, a presença imediata da mãe e seu desejo inconsciente coloca outro eixo que Lacan chama de simbólico, ao qual se subordina o registro imaginário. É no registro simbólico que se situa a operação do complexo de Édipo, uma vez que é daí que se desenvolve a função do pai e a lei (GOLDSTEIN, 2000, p. 21).

De acordo com Garcia-Roza (1998), o Estádio do Espelho diz respeito a um período que inicia por volta dos seis meses de idade e se encerra aos dezoito meses aproximadamente, no qual a criança, através de sua identificação com a imagem do outro, forma uma representação de sua unidade corporal. O autor salienta que:

Esse momento é concretizado de forma exemplar pela experiência que a criança tem ao perceber sua própria imagem num espelho, experiência essa que é fundamental para o indivíduo e na qual Lacan identifica a matriz a partir da qual se formará um primeiro esboço do ego (GARCIA-ROZA, 1998, p. 212).

Para que se dê o narcisismo, é preciso vir algo do outro – no texto de Freud, do desejo do outro – de modo a enlaçar as pulsões parciais, construindo uma imagem unificada do eu – o Eu Ideal. Esse primeiro momento é fundante do sujeito – torna-se imprescindível para que se dê a passagem a um segundo tempo, o Ideal de Eu, sendo sempre o seu núcleo. De acordo com Freud:

Como sempre no campo da libido, o ser humano mostra-se aqui incapaz de renunciar à satisfação já uma vez desfrutada. Ele não quer privar-se da perfeição e completude narcísicas de sua infância. Entretanto, não poderá manter-se sempre nesse estado, pois as admoestações próprias da educação, bem como o despertar de sua capacidade interna de ajuizar, irão perturbar tal intenção. Ele procurará recuperá-lo então na nova forma de um ideal-de-Eu (FREUD, 1914; 2004, p. 112).

Segundo Zimerman (1999), as funções do “Ego⁴ ideal” e do “Ideal de ego” não são estanques e estão sempre entrelaçadas, definindo-as como:

Ego ideal. Esta subestrutura, aparentada com o superego, é considerada como uma herdeira direta do narcisismo original, ou seja, os mandamentos internos obrigam o sujeito a corresponder, na vida real, às demandas provindas de seus próprios ideais, geralmente impregnados de ilusões narcísicas inalcançáveis e, por isso mesmo, determinam no indivíduo um estado mental que se caracteriza por uma facilidade para sentir depressão e humilhação diante dos inevitáveis fracassos daquelas ilusões (ZIMERMAN, 1999, p. 134).

O Ideal de Eu comportará sempre em seu núcleo o Eu Ideal. Sobre o Ideal do ego, Zimerman (1999) postula:

Ideal do ego. Também esta subestrutura está diretamente conectada com o conceito da estrutura do superego, sendo que ela resulta dos ideais do próprio “ego ideal” da criança, que são projetados e altamente idealizados nos pais e que se somam aos originais mandamentos provindos do “ego ideal” de cada um desses pais. Dessa forma o sujeito fica submetido às aspirações dos outros sobre o que ele deve ser e ter, e daí resulta que seu estado mental prevalente é o de um permanente sobressalto e o fácil acometimento de sentimento de vergonha quando ele não consegue corresponder às expectativas dos outros, que passam a ser também as suas (ZIMERMAN, 1999, p. 134).

Freud (1914; 2004) pontua que, com o advento da castração, o bebê – ao perceber que não é rei –, busca, através de ideais, reconstruir esse lugar pleno, identificando-se com seus pais. “Assim, o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal” (p. 112).

Freud (1914; 2006), ao falar sobre o desenvolvimento do ego, salienta que:

Consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal (FREUD, 1914, p. 106).

O autor afirma a importância dos pais no processo da construção de um Ideal de Eu. Nesse sentido, Antoniazzi e Flores (2014) trazem à tona importantes questionamentos como:

Mas se falamos que o Ideal de Eu somente é possível a partir da proibição paterna, como pensar os sujeitos que de alguma forma não são atravessados pela castração? E, além disso, se o Ideal de Eu alberga o Eu Ideal, como pensar os ideais de um sujeito que foi precariamente narcisado por seus pais? (ANTONIAZZI; FLORES, 2014, p. 302).

⁴ “Ego” é a tradução que Zimerman utilizou para a palavra “Ich”, termo em alemão referido por Freud em *À guisa de introdução ao narcisismo*. Ao longo do presente projeto, opta-se por utilizar a tradução de “Ich” por “Eu”, tradução adotada por Hanns (2004) em *À guisa de introdução ao narcisismo*.

Ao longo de todo o filme, Hubert e sua mãe não conseguem se comunicar. Se a todo instante há uma ameaça de ruptura – com a ideia de que precisam desvencilhar-se –, parece que em nenhum momento eles conseguem se encontrar. No discurso do diretor do internato de que Hubert fugiu, falta a presença do pai, “um toque de autoridade”, como que dizendo que a Hubert a autoridade – ali igualada ao pai propriamente dito – seria benéfica. Poderíamos pensar que de alguma forma ele toca no tema da castração, falta algo de lei para que Hubert assuma outra posição. No entanto, a mãe de Hubert responde que o diretor não entende a criança que ela foi, a filha e a mãe que se vê obrigada a ser.

Através de Hubert, os problemas da mãe vem à tona. As dificuldades no narcisismo de Hubert revelam as questões narcísicas da mãe. Quando o filho não corresponde às expectativas dela, parece que a sua vida se vê novamente fracassada. É como se Hubert tivesse que permanecer como majestade para curar a ferida da mãe, o que o torna prisioneiro de um lugar impossível de habitar. A herança, nesse sentido, parece que não lhe é ofertada, já que, embora a mãe proponha um reino, ao não liberá-lo para sair de lá, o impede que a torne sua.

É, portanto, necessário voltar ao tempo do narcisismo primário, ao reino, para ali desatar os nós que impedem uma existência própria. Existência que decorre de um separar-se da mãe – matá-la enquanto detentora de seu eu –, mas que também só se torna possível quando se está seguro de que com isso não vá matá-la propriamente. É essa a relação entre narcisismo primário e castração que o filme parece aludir. Para separar-se, é necessário uma certa perspectiva de que o outro permanecerá existindo. Nas palavras de Hubert: “Deveríamos ser capazes de nos matar. Cortar nossas cabeças. E renascer depois. Poder nos falar, nos olhar, ficarmos juntos. Como se nunca tivéssemos nos visto. Se minha mãe e eu não nos conhecêssemos, certamente nos daríamos bem”.

O processo que Hubert emprega ao longo do filme é justamente este: matar a mãe, simbolicamente, para que possam vir a conhecer-se como sujeitos separados. Mas é preciso um retorno ao reino, para depois poder deixá-lo.

3 A CASTRAÇÃO E O COMPLEXO DE ÉDIPO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO DA PSICANÁLISE

O pai de Hubert não esteve presente em sua vida, mas pode-se pensar que esta não é a razão da não entrada de um terceiro na relação entre mãe e filho, conforme observa-se no filme. O pai é aqui pensado, de acordo com a teoria psicanalítica, como figura de lei, como norma que precisa ser introduzida com o consentimento da mãe, o que, pode-se perceber, não

ocorre na trajetória de Hubert. Porém, em alguns momentos do filme, a presença de um terceiro é sinalizada, na pessoa atrás das câmeras, na professora, no diretor do internato, no namorado de Hubert, na mãe do namorado, enfim, em todo um contexto social que o convoca a crescer, se tornar sujeito de sua história.

De acordo com Hausen (2012), a noção do conceito de castração para a Psicanálise nasce com Freud. Foi introduzido, via escuta clínica, com o caso do Pequeno Hans, no qual Freud consegue, ao observar o menino, avançar em suas pesquisas sobre a sexualidade infantil. “É a ele, sem dúvida, que se deve o riquíssimo material exposto em 1908 sobre As teorias sexuais das crianças, que ilustra e amplia o pensamento freudiano acerca da castração” (HAUSEN, 2012, p. 46).

O conceito freudiano de castração tem por característica, no menino, a ameaça de ser castrado, e na menina, a ausência de pênis. Green (1991) indaga sobre a possibilidade da castração não ser pensada em seu sentido literal, mas podendo ser entendida como algo que remete o conceito a vivências como a incompletude, a separação e a falta. Dessa maneira, possibilita-se que a castração seja pensada enquanto símbolo e não ato, ou seja, uma castração imaginária, que diz respeito a um psiquismo da ordem do inconsciente.

O bebê vive numa relação endogâmica – lei da natureza –, e para que passe a ter uma relação exogâmica – lei da cultura –, é necessário a entrada do terceiro, o pai, instituído como figura de lei. Hausen (2012, p. 61) entende que “a concepção do conceito de castração se refere, portanto, à norma, constituindo-se como a marca do ingresso do sujeito humano na cultura”.

Nesse sentido, Zimmerman (1999) pontua que:

(...) em situações normais, a criança assume a castração paterna (aqui, o conceito de castração não significa uma privação ou corte do pênis, mas, sim, é uma alusão à função do pai como o portador da lei que interdita e normatiza os limites da relação didática da mãe com o filho). A aceitação dessa castração, por parte do filho, constitui o registro simbólico, o ingresso no triângulo edípico propriamente dito, e representa o grande desafio às ilusões narcisistas (ZIMMERMAN, 1999, p. 400).

Na teoria freudiana, o mito de Édipo apresenta-se como universal e fundante do sujeito do inconsciente e da cultura. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o complexo de Édipo se caracteriza por:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a forma dita positiva, o complexo apresenta-se como a história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do

complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 77).

Haver-se com a castração é rever a criança maravilhosa que constitui o núcleo do Eu Ideal. Nesse sentido, Édipo revisita, no núcleo de seu ser, o Narciso que o sustenta. Leclaire (1977) apresenta em “Mata-se uma criança” essa dimensão através da noção de “criança maravilhosa” – imagem primordial fruto do narcisismo primário. Para o autor, todo analisante deverá se haver com a criança ideal que o constitui, em um trabalho constante de matar a criança que nunca será de todo morta, já que trata-se do núcleo do nosso eu.

O que o autor marca é a necessidade de entrar em contato com aquilo do Eu Ideal que estará presente em todos nós, ainda que já tenhamos erigido ideais. A importância desse contato é a possibilidade de afastar-se de ser puramente uma extensão do outro, executando de forma alienada o que o outro assim desejou para que possamos nos encontrar com um lugar de sujeito, distinto do outro, em uma vivência de desejo mais autônoma. Nas palavras do autor:

Existe para cada um, sempre, uma criança a matar, um luto a cumprir e a refazer continuamente, de uma representação de plenitude, de gozo imóvel, uma luz que se ofusca para que ela possa brilhar e extinguir-se sobre o fundo da noite. Quem não cumpre, e refaz continuamente, este luto da criança maravilhosa que poderia ter sido permanece no limbo e na claridade leitosa de uma espera sem sombra e sem esperança; mas aquele que acredita ter, de uma vez por todas, ajustado as contas com a imagem do tirano afasta-se da fonte de sua genialidade, e julga-se um espírito forte frente ao reino do gozo (LECLAIRE, 1997, p. 11).

É preciso um trabalho incessante de tentar matar aquela criança que nunca será de todo morta. Talvez é justamente esse o percurso destinado à Édipo (e à Hubert!) na travessia da castração. Na assertiva dos autores, torna-se nítida a relação entre narcisismo e Édipo, já que o narcisismo é matriz daquilo que erigirá um Ideal de Eu, possibilitado pela vivência da castração. Nesse sentido, a história de Hubert, embora intensa e dolorosa, parece referir-se, de forma brilhante, ao percurso próprio da adolescência.

4 A TRAJETÓRIA DE HUBERT E A ADOLESCÊNCIA

A adolescência, retratada pelo personagem do filme, traz importantes subsídios para pensar como se dá essa travessia do período mais primitivo – o narcisismo primário (que de acordo com a Psicanálise, é fundamental para a constituição do sujeito, onde o bebê vive numa posição onipotente “sua majestade o bebê”) –, para o narcisismo secundário. Pensar como transcorreu esse período na vida do sujeito aponta para a principal matéria-prima da

análise do sujeito da Psicanálise.

De acordo com Rassial (1997):

A adolescência transtorna o eu, os ideais e o mundo da infância. As transformações da puberdade, inicialmente no que elas modificam o estatuto do outro, a desqualificação dos pais em constituir o modelo do adulto, a decepção frente à promessa edípica que se revela enganadora e por isso mesmo, face a todos os discursos antigos, a saída do lar familiar em direção ao laço social exigem uma nova construção identificatória (RASSIAL, 1997, p.102).

De acordo com Calligaris (2013), “o adolescente perde (ou, para crescer, renuncia) a segurança do amor que era garantido à criança, sem ganhar em troca outra forma de reconhecimento que lhe pareceria, nessa altura, devido” (CALLIGARIS, 2013, p. 24). O autor descreve o adolescente como um sujeito treinado para adotar os ideais que lhe foram passados, sentindo-se capaz de tomar decisões que dizem respeito à sua vida, porém, é impedido, permanecendo sob a tutela de seus pais e não sendo reconhecido como adulto.

Ainda segundo Calligaris (2013), um dos motivos de o adolescente levar uma vida no mínimo inquieta é esse período denominado adolescência, em que lhe é imposta uma moratória:

Uma vez transmitidos os valores sociais mais básicos, há um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a adolescência (CALLIGARIS, 2013, p. 16).

No filme, mãe e filho se encontram desorganizados; mas como seguir se ambos não visualizam um caminho? Hubert ensaia uma saída dessa relação dual, mas que condições teria sem a autorização de sua mãe? Como sair desse lugar pensado, desejado para ele? A maioridade, tão esperada por ele, talvez lhe propicie uma liberdade jurídica de ir e vir; mas quem autoriza o sujeito? Quais as possibilidades de Hubert, estruturalmente pensando, seguir sem sua mãe?

Na relação com seu namorado, Hubert traz à tona a dificuldade em investir no outro, as relações de objeto revividas, suas primeiras relações de objeto. Há uma cena do filme em que o namorado de Hubert ajuda-o a fugir da escola. Nesse momento, eles se desentendem e o namorado aponta a Hubert algumas questões que estão permeando sua relação, dizendo: “Sou sua empregada, sua puta, não é?”; “Não liga para o que pode acontecer?”; “Cresça um pouco”; “Você é um egoísta”. Essas questões denotam aspectos que dizem da posição narcísica de Hubert, de uma passagem não satisfatória do narcisismo primário para o secundário, em que faz uso dos objetos apenas a serviço de suas necessidades, de sua satisfação.

As seguidas agressões a sua mãe podem representar uma tentativa desesperada (dada a

dramaticidade das cenas) de Hubert abandonar esse amor que não lhe foi proibido, mas tampouco permitido, por isso paralisado. A não presença do pai em sua vida pode propiciar com que nunca seja quebrada a fantasia incestuosa de mãe e filho, representada na cena em que Hubert se imagina correndo atrás de sua mãe vestida de noiva, tentando alcançá-la sem sucesso.

Em determinado momento do filme, filmagens caseiras de quando Hubert era pequeno revelam apenas dois personagens, Hubert e sua mãe. Seriam dois? Ou Hubert está na cena apenas como extensão de sua mãe, formando um único sujeito? Em que posição enquanto sujeito essa mãe se encontra? Seria ela a protagonista de seus desejos?

Na cena final, essa série de vídeos caseiros é apresentada ao espectador. Hubert e sua mãe brincam correndo no campo (reino), brincam diante da câmera, exibindo-se; sua mãe o abraça com muita ternura. Ele anda de motoca vestido de caubói, mostrando-se orgulhoso, com duas armas na cintura. Brinca com bolinhas de sabão, sorri para sua mãe, dando a impressão de completude e fazendo com que até o espectador se sinta um intruso, tamanha sintonia.

A questão interessante a se pensar diz respeito à presença de um terceiro olhar, que apesar de não aparecer, também está presente: o de quem está por trás da câmera. O filme dentro do filme, o que poderia estar comunicando? De trás para frente, pode se pensar que esse olhar poderia ser do pai (alguém está filmando), do diretor do filme (que coloca o filme dentro do filme), e, na relação que se estabelece com um começo de análise, esse terceiro poderia ser o olhar do psicanalista.

A permanência do namorado na casa à espera de Hubert, na cena final em que ele e a mãe se encontram nas rochas, apesar de não se envolver no encontro de mãe e filho, talvez sinalize a presença de um terceiro, mesmo que acanhada, mas que de alguma forma está sendo autorizada. Essa possível relação poderia ser pensada como um processo interessante no transcorrer da história de Hubert. No decorrer da trama, percebe-se que seu namorado está tendo uma passagem mais satisfatória por essa adolescência, ao menos não mais conturbada do que o que é tido como o natural desse período.

Algumas cenas do filme se passam na casa do namorado de Hubert, Antonin. A mãe deste recebe muito bem o namorado do filho, e chega a se oferecer para falar com a mãe de Hubert sobre sua sexualidade. Essa mãe (do namorado) leva uma vida idealizada por Hubert, demonstrando aproveitá-la plenamente, e principalmente, deixando seu filho viver a sua. Essa boa relação entre Antonin e a mãe também surge como um disparador de mudanças na vida de Hubert, no momento em que difere muito da relação que empreende com sua mãe, denotando

uma realidade quase oposta a sua.

O filme faz, ainda, uma relação entre gerações: Hubert, a mãe, a mãe da mãe... De geração em geração, o narcisismo primário remete à herança que nos é dada, em um convite para que possamos torná-la nossa. Hubert grita: “pare de falar junto comigo! Escute um pouco as pessoas!”; “por isso você está solteira! É louca como sua mãe!”; “se nos comunicarmos será melhor!”. Ao solicitar a escuta da mãe, Hubert sinaliza a existência de dois. Se a mãe ficou absorta a uma só voz (de sua mãe), Hubert interroga a possibilidade de uma conversa entre dois sujeitos. A suposição de uma comunicação implica, no mínimo, dois.

De acordo com Corso (2004), é na adolescência que se dá a imposição do exercício (real ou imaginário) do amor, quando é colocada à prova a consistência até então assimilada de suas relações, pondo à mostra suas arestas, trazendo à tona suas histórias amorosas infantis, que há muito pareciam adormecidas. A autora atenta para que se observe que:

Naturalmente nem tudo são pendências no reino da infância, muito ficou sedimentado, pois se aprendemos a caminhar é porque um olhar deu-nos um corpo, se falamos é porque alguém impôs um código que obrigou a mãe e bebê a dividir com o mundo sua cumplicidade, se brincamos é porque já fazemos sínteses subjetivas, admiramos desejos e medos. Porém parecíamos satisfeitos com o que tínhamos em casa, ou melhor, fazíamos por parecer... (CORSO, 2004, p. 132).

“O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (FREUD, 1905, p. 210). Para poder amar outro, há um necessário reencontro com o amor que nos constitui. Encontro marcado por um caos subjetivo, em que somos lançados no filme através do percurso de Hubert. De fato, a mãe precisa morrer. Mas também Hubert precisa cair de seu lugar de alteza. Macedo et al. (2004), ao falarem de crise adolescente, comunicam não referir-se a algo de todo mal, mas com o entendimento de que são vivências repletas de incertezas e dificuldades, porém vitais para o crescimento do sujeito. De acordo com as autoras, algumas interrogações surgem e é necessário adentrar no mundo do adolescente para se obter respostas. Entendem que:

A latência adia o que retorna na adolescência: a busca do prazer genital e a ultrapassagem da questão edípica. A adolescência, portanto, assemelha-se a um tempo paradoxal de permanências e mudanças. Mas o que muda? Com o que deve permanecer o adolescente para, posteriormente, ter acesso ao mundo adulto? O que efetivamente se passa com um adolescente? De qual exigência de trabalho psíquico falamos? (MACEDO, 2004, p. 16).

No trabalho clínico com adolescentes, se faz importante para o analista estar familiarizado com as questões que permeiam a adolescência e seus estruturantes processos de rupturas. Esses conflitos, de toda forma, são necessários e disparadores de mudanças na vida do adolescente, possibilitando, através dessas vivências, a construção de sua história como um sujeito singular.

O filme “Eu Matei Minha Mãe” faz esse papel, o de representar o retrato do caos, tão presente na adolescência de Hubert, mas que fez, ou ainda faz, parte de todos nós. O telespectador é constantemente convidado a revisitar sua adolescência, e, num processo de análise, se haver com ela. A arte, mais uma vez, cumpre o seu importante papel, e na voz de Hubert, em meio ao caos, a adolescência se faz ouvir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Hubert foi sendo retratada, durante toda trama, num processo de cenas retrospectivas vivenciadas ou imaginadas pelo personagem central. Essas cenas remontam à sua infância e gritam por um novo arranjo, visando agora, na adolescência, a apropriação, por parte de Hubert, de sua herança. No trabalho clínico, com o entendimento da Psicanálise de que o sujeito é constituído a partir do desejo do outro, como pensar nas possibilidades dessa apropriação, em que o sujeito busca tomar posse de si? Como seus desejos deixam de ser o desejo do outro? Quais as possibilidades apontadas pela Psicanálise para que esses desejos sejam relançados pelo sujeito, e num novo arranjo, propiciem uma vida mais autônoma?

Questões como essas abarcam toda a trajetória da constituição de um sujeito, e por isso, são complexas, não podendo ser entendidas como, apenas por serem empreendidas, de fácil resolução. A teoria psicanalítica não tem como pressuposto, tampouco como pretensão, propor respostas que não aquelas que venham do próprio sujeito, entendendo ser este o único portador de atribuições (subsídios) que deem significado às suas vivências.

As discussões propostas por este trabalho não apontam para respostas, mas para o entendimento da importância de se ampliar as discussões que circulam acerca da constituição do sujeito, observado aqui na adolescência, período que compõe aspectos importantes, no que tange à apropriação da herança que é dada a todos, ampliando assim as possibilidades nas resoluções dos conflitos, na clínica do adolescente. Hubert passa a ter voz: “a única coisa a matar nessa vida é nosso inimigo interior, o duplo incondicional. Dominá-lo é uma arte. Que tipo de artista somos nós?”.

REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, Samanta; FLORES, Gustavo G. **Para uma introdução ao narcisismo**. Reflexos e reflexões. Porto Alegre: IPSDP, 2014.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática de pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

BREVIDELLI, Maria Meimei. **Trabalho de conclusão de curso**: guia prático para docentes e alunos. 1. ed. São Paulo: Iátria, 2006.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2013.

CORSO, Diana M. L. Adolescência e Experiências de Borda: In: CORSO, Édipo. **Latência e Puberdade**: A Construção da Adolescência. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FREITAS, Henrique; JANISSEK, Raquel. **Análise léxica e análise de conteúdo**: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos. Porto Alegre: Sphinx: Sagra Luzzatto, 2000.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras Psicológicas completas, v. VII).

_____. **À guisa de introdução ao narcisismo**. In: FREUD, Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

_____. **Sobre o narcisismo**: uma introdução (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras Psicológicas completas, v. XIV).

GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GREEN, André. **O complexo de castração**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HAUSEN, Denise C. **Cinema e Psicanálise**. O Conceito de Castração em Transversal. Porto Alegre: Movimento, 2012.

LACAN, Jaques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LECLAIRE, Serge. **Mata-se uma criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

MACEDO, Mônica M. K.; AZEVEDO, Berta H.; CASTAN, Juliana U. **Adolescência e Psicanálise**: Intersecções Possíveis. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

RASSIAL, Jean-Jaques. **A Passagem Adolescente**: Da Família ao Laço Social. Tradução de Francine A. H. Roche. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1997.

ZIMERMAN, David. **Fundamentos Psicanalíticos**. Porto Alegre: Artmed, 1999.